

A maioria das fontes de abastecimento de Angra tem origem na serra do Morião, na Nasce Água e, se deram origem, por um lado, à famosa ribeira dos moinhos, permitiram, por outro lado, a instalação de mais de duas dezenas de chafarizes públicos, de duas bicas, como refere Maldonado, na sua “Fenix Angrence”.

Alguns deles já aparecem na vista de Angra de 1595, incluída na “História da Navegação...” de Linchoten, mas a instalação do cano real, em

1605, permitiu ainda maior e melhor distribuição, não só pública como privada, crescendo o número dos que foram colocados nos pátios das casas mais abastadas e nos conventos e mosteiros. Era, todavia, distribuição por gravidade, o que tornava complexa a organização da tubagem e obrigava a definir pontos mais altos e afastados, donde a água descia, através de tubo de barro e de chumbo, para as diversas ruas da baixa de Angra, por um sistema de arquinhas, pequenos depósitos, abertos

nas paredes e muros, de que se conhecem ainda alguns testemunhos, visíveis na cidade, com o aspeto de grupos de pequenas portas, na parede.

Esta chave, doada ao Museu de Angra do Heroísmo, era da arquinha de água da casa n.º 110 da Rua de S. João, que ficava na Rua da Miragaia. Na sua singeleza, mostra uma cidade organizada e dispondo, desde muito cedo, de água fresca, em privado, ao contrário de outras que dependiam de poços ou de cisternas.

